



Editorial

Nossa proposta para este Editorial é iniciar uma discussão, ainda muito embrionária, nas páginas da Mal-Estar e Sociedade, de uma possibilidade de pensar e repensar os paradigmas positivistas acerca do entendimento que temos hoje sobre a Ciência, especialmente na área das Ciências Sociais e Multidisciplinar como apresenta a nossa proposta editorial.

Um paradigma de Ciência e Pesquisa fundado numa percepção realista dos fatos, que não considera percepções e/ou opiniões sobre eles, está sendo colocada em questionamento especialmente nas Ciências Sociais nos últimos anos. A complexidade dos fatos que se apresentam em nossos tempos requer dos intelectuais pós-modernos uma Pesquisa Científica que vá muito além de explicar e prever o que irá ocorrer no mundo por meio da busca de regularidades e relações de causa e efeito entre os elementos que a constituem.

Estamos num espaço-tempo em que o nosso grande desafio se coloca na possibilidade de reinvenção de modos de produção de conhecimentos acadêmico-científicos. Vivemos um espaço-tempo em que nossas pesquisas precisam trazer, para além de certezas positivas, esperanças sobre possibilidades de vida em coexistência com a natureza e com os outros seres que habitam nosso planeta.

Em nosso ponto de vista, no campo epistêmico, duas tarefas se colocam como desafiadoras para a Ciência que chamamos, aqui, pós-moderna:

são o empreendimento da desmonumentalização do conhecimento escrito e arquivístico e a promoção de autorias cognitivas outras, num processo de co-conhecimento que revolucione a teoria e a epistemologia, articulando ecologias de saberes, intelectualidade de retaguarda e artesanias das práticas (Santos, 2019).

Assim como discute Santos (2019) em seu livro “O fim do império cognitivo”, acreditamos que esse fim é também a emergência de novas formas de pensar, fazer e conhecer que tendem a colocar em movimento uma ecologia de saberes. Para ele, “precisamos nos lançar num giro rumo à direção do sul epistêmico que traz consigo a luta e a esperança de um mundo mais justo, fraterno e democrático - mais magnânimo”.

A transformação epistêmica em que acreditamos pode ter um impacto importante na divulgação científica, que embora seja um espaço de crítica e construção do conhecimento, ainda assume uma concepção dominante e do conhecimento que se funda, via de regra, na hierarquização.

Assim, buscamos legitimar um lugar de divulgação científica, com nossa publicação, que não se constitua como espaço para contribuir para a marginalização de grupos sociais portadores de outros saberes, reforçando a injustiça acadêmico-científica colonial.

Para esta edição, apresentamos cinco artigos que tendem num “**contínuo**” entre o estado mais estável do Positivismo a acepções mais subjetivas de entendimento sobre o evento científico, que acabam por representar as tensões que o Campo Científico vem passando nos últimos anos.

No primeiro texto, **Diante de Pedro Moraleida: análise de uma arte incômoda**, de Thiago Alcântara, vemos uma discussão realizada metodologicamente via revisão bibliográfica, que se dispõe a apresentar impressões despertadas por uma exposição realizada em Belo Horizonte no ano de 2017.

Em seguida, temos à disposição para leitura, o texto **Joaquim Tomás (1873-1973) pedagogo português seguidor da escola nova na Primeira República e Ditadura Militar (1910-28) e Estado Novo (1928-1974)**, de Ernesto Candeias Martins. O autor recorre à metodologia hermenêutica na análise de suas fontes para reconstruir historicamente o percurso de vida e de professor/inspetor do ensino primário, de admirador dos ideais da Escola Nova e de experiências escolares inovadoras na Europa.

No desenvolver do contínuo que idealizamos, apresentamos o texto de Denise Beatriz Andrade Fernandes de Mendonça, **Teorias de Ensino e Aprendizagem em EPT: rumos e percursos**, que dialoga com as premissas das teorias cognitivistas, abordando os pensamentos de Piaget e Vigostsky potencializados por Carl Rogers, importante pesquisador na abordagem Humanista para pensar possibilidades educacionais no ensino profissional.

Ainda na tensão proposta nesse contínuo que conceituamos, o texto **Vozes emergentes para entender o mundo: Relato de Experiência sobre abordagem decolonial no ensino de Sociologia**, de Ana Beatriz Maia Neves, busca uma mixagem entre os pressupostos das metodologias ativas e os conceitos de colonialidade, decolonialidade e pós-colonialidade para refletir sobre a condição do Brasil e da

população brasileira como país colonizado. Para além, apresenta a discussão em forma de um relato que, para nós, torna-se um gênero acadêmico emergente na proposição de outras formas de pensar a ciência de maneira mais subjetiva.

No extremo oposto do contínuo, nesta edição, temos o texto **As novas tecnologias de reprodução e suas implicações subjetivas**, de Daniela Santos Ferreira, que a partir dos conceitos psicanalíticos de fantasia, narcisismo, Eu ideal e Ideal do Eu, propõe uma reflexão sobre os modos de simbolização da experiência reprodutiva no contexto das Novas Tecnologias Reprodutivas (NTR's). O método de investigação psicanalítica foi utilizado como possibilidade de método de análise para as narrativas, as percepções e os discursos acerca do uso das NTR's.

Nossa edição é finalizada com a apresentação da resenha de Edson Lugatti Silva Bissiati sobre o texto **O século do populismo: história, teoria, crítica**, do autor Pierre Rosanvallon.

Estamos, em nosso ponto de vista, num momento importante para trazermos *à baila* a tensão evidenciada na dominação colonial que se impõe no Campo Científico. Como membros do comitê editorial desta publicação, sentimo-nos responsáveis por criar espaços para que outros espaços-tempos possam reinventar formas científicas de produzir conhecimento que sejam mais respeitosas com a diversidade de fazeres e saberes no campo das Ciências.

Fica nosso convite à leitura e a novas publicações com outros vieses de saberes.

Janaína de Assis Rufino

Esther Assis

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo**. A afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 477 p.